

Editorial**Envelhecimento e saúde**

Prof. Dr. Marco Antonio Guimarães da Silva

Pela primeira vez, em vinte anos, viajo a Espanha, abdicando das tarefas de ministrar conferências, aulas e pesquisas, para simplesmente dedicar-me ao ócio absoluto e curtir o país que tão amavelmente me acolheu no início dos anos 90, período em que lá vivi. Tenho o meu destino turístico guiado por um querido amigo que se incumba de me pegar, com a sua família, no aeroporto de Barajas, para seguirmos em direção a sua “finca” em terras andaluzas. O entorno de algumas cidades do sul da Espanha, como Ubeda, Jaen, Linares, Torreperogil, Baeza, é, em algumas situações, caracterizado pela presença de uma topografia muito íngreme, marcando esses povoados com ladeiras e ruas bastante tortuosas para o pedestre. Como em toda Espanha, essas cidades possuem um grande contingente de idosos. Contingente, nessa região, talvez até mais acentuado, em função da migração da maioria dos jovens para os grandes centros urbanos. A julgar pela facilidade com que os idosos subiam e desciam as íngremes callejuelas, eles eram, provavelmente em sua quase totalidade, muito saudáveis.

Havia assumido comigo um compromisso de não abrir *notebook*, de não verificar o correio eletrônico, de desligar o meu celular e, em hipótese alguma, pensar ou falar propositadamente em trabalho. Contudo, ao ver aquele verdadeiro exército peatonal de jovens da terceira idade com vigor em excesso, não pude evitar traçar paralelos entre as condições da população idosa que, naquele momento, via à minha frente e a população de idosos de nosso país.

A radiografia do envelhecimento no Brasil nos permite concluir que nos tornamos um país idoso mais rapidamente que os países da Europa, graças à elevação do nosso nível de esperança de vida. Uma esperança de vida que, em 1900, era de 33,7 anos; em 1950, beirava os 43 anos; em 1990, avançou para 65 anos; alcançando, em 2001, os 70 anos de idade; e espera-se que, em 2025, essa população ultrapasse os 75 anos de idade. No ano de 2020, dos 1,2 bilhão de idosos no mundo, teremos no Brasil o número de 34 milhões de brasileiros com mais de 60 anos, correspondendo a nossa população à sexta mais velha do planeta. Entretanto, se o prolongamento da esperança de vida dos nossos idosos se manteve, não se melhorou o padrão de qualidade de vida dessa população. Os nossos idosos vivem mais tempo, sem dispor, contudo, de melhores condições sócio-econômicas ou sanitárias. A velhice ou o envelhecimento são normalmente associados, no Brasil, a problemas diversificados que abrangem o aparecimento de doenças crônicas, o declínio funcional, a diminuição de renda e aumento de gastos com a medicalização e a diminuição de rede social onde se insere o idoso (morte de parentes, amigos, etc.). Todos esses problemas acabam por configurar o universo em que se inclui a nossa população da terceira idade, com um aumento de dependência e conseqüente exigência de diversos níveis de suporte.

** Editor científico de Fisioterapia Brasil
Pós Doutorado na UFRJ
Professor de mestrado recomendado
pela CAPES*

Não se pode deixar de ressaltar, ainda, os fatores que talvez sejam os mais importantes causadores ou exacerbadores do sofrimento na velhice: o abandono e a solidão. Não é difícil imaginar que uma sociedade que evidencia o hedonismo como traço cultural cada vez mais forte possa dificultar ainda mais o equilíbrio biológico-social, favorecendo a etiopatogenia das enfermidades que ocorrem na esfera do envelhecimento humano.

É preciso sempre lembrar que o próprio antropocentrismo gerou um sério equívoco: já que não existe natureza humana, existe o homem na natureza. Assim, produzimos um homem predador social e emocional, que considera o prazer imediato o único bem possível.

Todo tipo de atenção, seja primária, secundária, terciária ou de qualquer outra ordem aos idosos, que não considere estes fatores, estará fadada ao fracasso. A solidão e o abandono doem, quer estejamos no mais pobre município do Brasil quer na mais rica cidade do mundo. Mas convenhamos: se vamos ser nós mesmos, no futuro, vítimas da sociedade que criamos no presente, esperamos que haja conforto e dignidade para encarar o infortúnio que inexoravelmente virá. Derivações realizadas com alguns pontos levantados no polêmico filme do canadense Denys Arcand (*Invasões bárbaras*) talvez pudessem ilustrar a contextualização do sofrimento humano, com *assistência otimizada*, vivido pelo professor universitário à beira da morte.

A boa notícia vem da área acadêmica. Estudos levados a cabo pela Universidade da Terceira Idade (UNATI/UERJ), revelam que existiam, até 2001, 511 trabalhos científicos sobre envelhecimento, sendo 78% relativos à dissertações de mestrado e 22% à teses de doutorado. A maior parte desses trabalhos foi realizada nos anos 90 e em 2000 e 2001. Na nossa área, a fisioterapia, já se observa alguma produção, ainda tímida, mas com tendência a crescer. Esses e outros estudos acadêmicos que estão por vir poderão nos auxiliar a enxergar com mais visibilidade a complexa situação dos idosos no país e, a partir daí, elaborar metas e programas que equacionem os problemas. Oxalá em futuro muito próximo possamos olhar para os nossos idosos (a esta altura estarei olhando para mim mesmo) e ter a sensação de que somos um nação que soube superar os estigmas da discriminação, afirmando a identidade do idoso com a justa dignidade.

Alguns escritores e pensadores (Foucault, Eco, Spinoza, Deleuze, Saramago) têm me ajudado a consubstanciar parte das idéias que expresso nos editoriais. Mas ninguém melhor do que o nosso Drummond para nos fazer refletir e sonhar ao mesmo tempo, com o seu poema *Reinauguração*, sobre o ideal buscado:

*Nossa idade - velho ou moço - pouco importa.
Importa é nos sentirmos vivos e alvoraçados
Mais uma vez, e revestidos de beleza, a exata
beleza que vem dos gestos espontâneos e do
profundo instinto de subsistir enquanto as coisas
em redor se derretem e somem como nuvens
errantes no universo estável.
Prosseguimos. Reinauguramos. Abrimos olhos
gulosos a um sol diferente que nos acorda para
os descobrimentos.
Esta é magia do tempo.
Esta é a colheita particular que se exprime no
cálido abraço e no beijo comungante, no
acreditar na vida e na doação de vivê-la em
perpétua procura e perpétua criação.
E já não somos apenas finitos e sós. ■*